

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA PELO OLHAR DA CRIANÇA

Palavras-Chave: Dificuldade, Leitura, Escrita

Autores/as:

JULIANA SILVA DE MELLO [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]

CAROLINA PASQUINI RIBEIRO [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]

Prof.^a Dr.^a ORLY ZUCATTO MANTOVANI DE ASSIS (orientadora) [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]

1 INTRODUÇÃO:

Ler e escrever perpassam a maioria das interações sociais, tornando-se ao longo da história, para muitos, competências a serem desenvolvidas no âmbito escolar. Assim, já na Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental é possível observar a preocupação de inúmeros professores com relação a alfabetização.

Porém, como assegura Weisz “a aprendizagem da leitura e da escrita não pode restringir-se a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras, nem à “vontade”, à “motivação” ou ao “estalo”. Antes, essa aprendizagem implica uma aquisição conceitual” (WEISZ, [s.d.], p. 4).

Weisz ao citar Emília Ferreiro pontua que o sujeito não aprende a ler e a escrever apenas porque vê e escuta o outro, mas sim porque elabora cognitivamente o que o meio lhe oferece. Assim sendo, é preciso que o meio ofereça oportunidades de aprendizagem satisfatórias à construção do conhecimento (WEISZ, [s.d.], p. 23).

De acordo com Ferreira:

Emília Ferreiro esclarece: “a compreensão do sistema de escrita é um processo de conhecimento: o sujeito desse processo tem uma estrutura lógica que constitui um marco e o instrumento que definem as características do processo. A lógica do sujeito não pode estar ausente de nenhuma aprendizagem quando esta toma a forma de uma apropriação de conhecimento”. ([s.d.], p. 42)

Segundo o importante epistemólogo suíço Jean Piaget, a aquisição do conhecimento e a experiência estão ligadas. Dessa forma, as estruturas de inteligência que permitem a assimilação dos conteúdos ensinados em sala de aula, só são desenvolvidas a partir de aquisições obtidas fora da sala de aula, ou seja, no meio em que vivem, graças à assimilação dos objetos disponibilizados pelo mundo exterior e que permitem que o processo de assimilação, acomodação e modificação ocorram, fixando o objeto à mente do sujeito. (MANTOVANI DE ASSIS, 1993, p. 10).

Entretanto, neste processo, algumas crianças apresentam dificuldades, que no caso são chamadas dificuldades de aprendizagem. Esse conceito é uma referência às barreiras e obstáculos que os estudantes encontram quando precisam assimilar determinados conteúdos escolares (CAPPELINI & CONRADO, 2007).

É muito comum que as pessoas assumam que as crianças que possuem dificuldade de aprendizagem irão necessariamente fracassar no ambiente educacional. Esse tipo de pensamento acaba desestabilizando o emocional dos estudantes, fazendo com que eles compartilhem da mesma crença e se sintam vulneráveis. (MARTURANO, 1999). Este pensamento pode até mesmo ser ressaltado quando chegam em seu ambiente familiar e ouvem discursos negativos em relação a seu desempenho escolar, afetando de forma extremamente negativa toda a experiência escolar que a criança ainda terá que enfrentar.

2 METODOLOGIA:

2.1 Natureza do estudo

Este estudo consiste em uma pesquisa exploratória-descritiva, baseada nos princípios de uma pesquisa qualitativa. A pesquisa exploratória foi definida por Gil (1987) como tendo o objetivo de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.”. Por sua vez, o mesmo autor relatou que a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.”. A pesquisa exploratória-descritiva pretende descobrir a natureza das relações entre algumas variáveis, trazendo novas perspectivas sobre os temas.

2.2 Participantes

A pesquisa foi realizada com 4 crianças, que têm entre 8 e 9 anos de idade e estão regularmente matriculadas no terceiro e quarto ano de uma escola pública. Todas elas são atendidas pelo Núcleo de Investigação Psicopedagógica dos Problemas de Aprendizagem e Desenvolvimento do Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (NIPPAD/LPG/FE/UNICAMP). Essas crianças ainda estão no processo de alfabetização, mas apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Cabe ressaltar que as participantes não possuem um diagnóstico médico que justifique tal dificuldade.

2.3 Instrumentos

A coleta de dados foi feita utilizando o método clínico crítico piagetiano. Ele foi usado para compreender a maneira como as crianças pensam, agem, sentem e percebem o meio em que vivem. Para isso, é preciso partir do pressuposto de que as crianças, quando conversam com as pessoas, transmitem sua realidade e pensamentos. Delval (2002), ao definir a entrevista semiestruturada explicou que ela traz questões pré-definidas, que ao longo da entrevista serão modificadas, assim como novas serão incluídas.

2.4 Procedimentos

O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer 4.395.845. Depois disso, as crianças foram selecionadas. O motivo de encaminhamento das crianças para o atendimento do NIPPAD foi analisado e, depois disso, elas foram contatadas. Após apresentar a proposta do trabalho para elas e seus responsáveis, eles assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respectivamente. Com o retorno positivo desses documentos, iniciaram-se as entrevistas, cada uma durando, aproximadamente, 25 minutos.

Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, de forma a compreender melhor a realidade das crianças e de que maneira suas dificuldades estão presentes em suas vidas. A conversa foi planejada

para ser bem natural e de forma que elas se sentissem confortáveis com os entrevistadores e compartilhassem o que achassem pertinente. Quando necessário, foram feitas intervenções durante as respostas, para esclarecer possíveis dúvidas ou explorar as respostas.

2.5 Análise de dados

As entrevistas foram analisadas seguindo o estudo de Bardin (2018). Para isso, as respostas foram analisadas, interpretadas e agrupadas em categorias, manualmente organizadas em tabelas, para auxiliarem no agrupamento das afirmações e das respostas. Assim como foi assegurado para os responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), todos os nomes apresentados no presente artigo são fictícios.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A princípio a pesquisa visou identificar, através do discurso da criança, as consequências sociais e emocionais causadas pela dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. Para esse fim, através da entrevista semiestruturada, questões como: “Você já aprendeu a escrever?”, “Já sabe ler sozinho?”, “Acha que tem dificuldade para ler e escrever?” e “Como você se sente quando percebe que tem dificuldade?” foram aplicadas, norteando a conversa e trazendo uma perspectiva em relação a como as crianças percebem essas questões. A frequência de respostas a essas indagações mostram que:

Tabela 1 – Você já aprendeu a escrever?

	F	%
Sim	1	25
Não	3	75

Fonte: A pesquisa.

Como pode-se observar na tabela 1 a maior parte dos participantes (75%), reconhecem que ainda não desenvolveram a competência da escrita. Essa única criança que disse ter facilidade nesta habilidade, associou tal facilidade ao fato de copiar o que a professora colocava na lousa, ou seja, ela tem uma falsa sensação de êxito. Segundo Ramozzi-Chiarottino (1988), a possibilidade é uma coisa, a concretização dessa realidade é outra, pois dependerá

do meio no qual a pessoa vive, já que conhecer é fruto da troca do organismo com o meio; dependendo também da existência ou não de bloqueios afetivos.

A leitura foi uma prática considerada mais difícil pelos estudantes, tendo todos relatado não terem o desenvolvimento autônomo de leitura ainda. Um dos entrevistados fez considerações muito importantes, relatando que apesar de não saber “muito ler”, tem o gosto pelo processo de leitura. Ele também explica como realiza o processo de leitura, mencionando o nome de um primo seu, para associar à maneira como leria o nome completo de seu familiar.

De acordo com Mantovani de Assis (2018), as informações recebidas pela criança no ambiente educacional, serão compreendidas se tiver estruturas capazes de assimilá-las e reorganizá-las. É importante assegurar também que as situações que estimulam o desenvolvimento são aquelas que as crianças têm a oportunidade de construir conceitos e noções a partir da exploração ativa dos objetos de que dispõe no ambiente escolar” (MANTOVANI DE ASSIS, 2018, p. 76). A identificação do nome do primo indicado por Rafael, faz parte do processo de alfabetização, tratando-se de um conhecimento adquirido fora da escola, porém que não o auxilia na relação com outras palavras que para ele são apresentadas em contexto escolar.

Na tabela 3, é possível observar a percepção dos entrevistados em relação às suas dificuldades. Gabriela, uma das crianças entrevistadas, relatou durante a entrevista, que ela conseguia identificar exatamente onde estava sua dificuldade no processo de leitura e escrita. Por vez, vale ressaltar que a criança começa a aprender quando se depara com uma situação-problema, que talvez ela ainda não saiba como lidar. Este fato evidencia a importância do trabalho escolar a partir das percepções da criança.

Tabela 3 – Você acha que tem dificuldade para ler e escrever?

	F	%
Para ler	2	50
Para escrever	0	0
Para ler e escrever	1	25
Omissão de resposta	1	25

Fonte: A pesquisa

Tabela 4 – Como você se sente quando percebe que tem dificuldade?

	F	%
Sentimento positivo	1	25
Sentimento negativo	1	25
Indiferente	1	25
Omissão de resposta	1	25

Fonte: A pesquisa.

Por fim, a última questão norteadora obteve resultados bem diferenciados, tendo cada criança uma resposta diferente, como pode ser visto na tabela 4. Cada uma das crianças estabeleceu uma relação com a dificuldade que possui, algo que ficou bem

claro ao longo de toda a entrevista. Como cada uma teve uma vivência em sua vida, a relação que estabelecem com o ambiente educacional acaba se modificando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão a respeito das dificuldades de aprendizagem é de extrema importância, tanto para os profissionais da educação, quanto para o restante da sociedade. Os professores precisam entender como essas dificuldades se configuram na mente da criança e como as crianças se sentem ao percebê-las, para que possam lidar com os estudantes da melhor maneira possível, apoiando todas nas suas necessidades e auxiliando-as a superar em suas dificuldades. Quando se trata da leitura e da escrita, a compreensão das dificuldades se torna ainda mais necessária, para que não afete outras disciplinas e os docentes saibam como auxiliar seus estudantes.

De acordo com Smolka (2012), alfabetização é um processo discursivo, na medida em que a criança aprende a ouvir e compreender o que dizem para ela através da leitura; e a escrita a ensina a falar e expressar seus sentimentos. Enquanto escreve, a pessoa sendo alfabetizada aprende a escrever e sobre o funcionamento da escrita, de forma que ela se torna uma pessoa conhecedora das regras linguísticas.

Segundo Macedo (1992), a importância da leitura e da escrita está na importância que o aluno dá para eles, ou seja, sua prática de ler, escrever e interpretar o que está fazendo. Isso é importante pois o aluno deve, junto com o professor, compor seu processo de aprendizagem e quando se toma conhecimento da relação que ele estabelece com a leitura e a escrita, ele se torna um agente ativo na produção de seu conhecimento. Não aprende

apenas por aprender, mas para entender tudo que está aprendendo e compor sua aprendizagem em parceria com o professor.

Assim sendo, concluímos que criança nota sua dificuldade e que esta percepção traz consequências para o processo de alfabetização. Portanto, é importante ressaltar que aluno e o professor fazem parte do processo de aprendizagem, mas em alguns casos os estudantes acabam não tendo condições favoráveis de mudar sua situação de dificuldade, tornando-se necessário que o professor entenda o seu papel para a resolução das dúvidas das crianças e a maneira como suas ações podem influenciar na maneira como vão se relacionar com o tema para o resto de suas vidas. Não basta ensinar só por ensinar, é preciso compreender o aluno, sua realidade, a razão de suas dificuldades, a maneira como lida com elas. São muitos fatores que podem influenciar no desenvolvimento dos estudantes e é importante que eles sejam levados em conta durante a escolaridade.

5 BIBLIOGRAFIA

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições70, 2018.

CARVALHO, L. C. S. **Da ação à reflexão: a solicitação do meio e a construção das estruturas lógico-matemáticas de crianças com dificuldades de aprendizagem**. Campinas: 2020.

CAPELLINI, S. A.; CONRADO, T. L. B. C. Desempenho de escolares com e sem dificuldades de aprendizagem de ensino particular em habilidade fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 11, supl. 2, p. 183-193, 2009.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento da criança**. Trad. Fátima Murad. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERREIRA, L. G. Trabalho construtivo da criança no processo de alfabetização. In: MANTOVANI DE ASSIS (org). **Alfabetização**. Campinas, [20– -], p. 31 – 52.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

MACEDO, L. **Para uma psicopedagogia construtivista**. In: Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem. Ed. Cortez, São Paulo, 1992.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. **Uma nova metodologia de educação pré-escolar**. 7ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1993.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. Direito à educação e prática pedagógica. In: MANTOVANI DE ASSIS, O.Z. et al. (Org). **Direito à Educação sob a ótica da Psicologia Genética**. Campinas: Polo Printer, 2018. v.1. p. 49-83.

MARTURANO, E. M. Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, Brasília, v. 15, n. 22, pp. 135 – 142, maio – ago. 1999.

RAMOZZI-CHIAROTTINO. Z. **Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988.

RIBEIRO, C. P.; MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. A formação de educadores de crianças de 0 a 2 anos: em busca de uma prática consciente. In: Formação de professores: **Anais do V Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Educação democrática e novas alternativas**, UNESP, Marília, N°28344 nov. 2018.

SMOLKA A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13ª edição. São Paulo: Cortex, 2012.

WEISZ, T. Como se aprende a ler e escrever ou prontidão um problema mal colocado.. In: MANTOVANI DE ASSIS (org). **Alfabetização**. Campinas, [20– -], p. 4 - 28.